



PANAROMA



15 ANOS ESTRELA D'ALVA DE TEATRO

Esta publicação é financiada pelo Fundo Municipal de Cultura da Secretaria de Cultura de Santo André
Editoração e produção Lígia Helena, Marcelo Gianini & Paulo Girçys / Revisão e fotografia Sueli Almeida / Artista Gráfico Murilo Thaveira / Textos À Deriva com Beto Sporleder / Daniel Müller / Guilherme Marques e Rui Barossi / Carina Prestupa / Ivan Ribeiro / Judson Cabral / Lídia Moura / Lígia Helena / Marcio Castro / Marcelo Gianini / Paula Carrara / Paulo Girçys / Sueli Almeida

realização



Financiado pelo
Fundo Municipal de
Cultura de Santo André



Palavra, Política & Pedagogia.

UM EDITORIAL DE QUINZE ANOS SEM EDIÇÃO LÍGIA HELENA & PAULO GIRÇYS

Poderíamos iniciar este texto com: “A Cia. Estrela D’Alva de Teatro, grupo com sede na cidade de Santo André, comemora, em 2020, quinze anos de atuação e, contemplada pela primeira vez pelo Fundo de Cultura da cidade de Santo André, publica um compilado de textos que narram...”

Essa seria a formalidade dos editais e projetos que tantas e tantas vezes assim nos apresentou. Somos isso também, por que não? Mas o fato é que existimos e resistimos há quinze anos nesta proximista metropolitana da borda do campo que já não é tempo há muito tempo, e que também deixa de ser o tal *liveiro industrial* para aprofundar as lógicas do empreendedorismo de si mesmo e da exploração do consumo pelo comércio.

E nessa existência somos uma pluralidade de outras existências. Um re-ver-se ano a ano na provocação do “quem, onde, quando”: Nós, Santo André, 2020 - hoje - Nós, Santo André, 2005 - nascemos. Mas também já fomos circulação por São Sebastião, Suzano, Presidente Prudente, Franca, Mogi, Santos, Laduê, eteteras e eteteras da cidade vizinha à ponta do estado, passando por lugares e não lugares da fiação - capital, perseguimos São Paulo, nunca fomos São Paulo - América Latina, Chile - África, Angola.

Fomos 2002, Celso morto, fomos 1977, Clarice publica A Hora da Estrela, fomos 1889, o ano em que não nasceu Alberto Caeiro, fomos 16 de junho de 1904, o dia de Bloom, fomos (e somos) 2018, 2019, 2020 desviando das mordidas cada vez mais afiadas do Crocodilo. “Nós” também fomos alunos, muitos, dois, comuns, tantos, outrem, alguém que cai e bate a cabeça e renasce como uma família, ninguém - toda música tem os seus silêncios. E da inexistência à existência eles - nós - fomos recebidos muito bem.

Em 2008, quando ainda iniciava meu debruchar sobre um curso de fotografia que me levaria a mil outros lugares, a mil outras emoções, a mil outras vivências, me dei envolver, mais ainda, com tudo o que a Cia. Estrela D’Alva de Teatro estava realizando.

Foi num momento de mudanças radicais em minha vida, em que tantas certezas deveriam ser deixadas para trás, em que ativavam-se em mim aquelas intensidades todas de vazios, que abraçar a Fotografia se configurou um refúgio e um amparo para um novo mundo que ali se estabelecia. Conectaria então minha paixão pela Fotografia à paixão pelo Teatro de minha filha, Sim: Lígia Helena é minha filha. E fomos seguindo juntas a partir de então, cada uma com sua arte. Oferecer suporte à Cia. Estrela D’Alva de Teatro quanto à geração de imagens, tanto para seu acervo quanto para a divulgação de seus espetáculos, me parecia a combinação perfeita. Isto por acreditar que aquele projeto iria sim vingar, iria trilhar caminhos vários, instigados por seus componentes, sempre ávidos em seu questionamento, sempre atentos ao que acontecia ao seu redor.

Tudo no mundo começou com um sim. Sim, eu disse sim, eu quero sims.

E o que ali imaginei se concretizou. Hoje posso visualizar toda esta trajetória através das imagens que captei e através das memórias que elas instigam em nós, pois vão nos contando os fatos, revivendo momentos, relebrando histórias. Compactamos assim as histórias da Cia. contra o esquecimento.

E tinha a Pedagogia do Olhar, manifesta num texto lindo de Rubem Alves, que me abria inúmeras possibilidades ao decretar que “A primeira tarefa da Educação é ensinar a ver”. Mas que seja a Educação das sensibilibdades também, e não apenas das habilidades de ver. Então vieram os Cursos de Fotografia de Teatro e Espetáculos que ministrei pelo Pronatec em SCSul, nos quais tantas vezes a Cia. esteve presente com sua arte, compartilhando seus saberes e fazeres, para que outros mais pudessem deprende-la.

E agora, pela primeira vez, temos a oportunidade de deitar sobre a tinta de um papel impresso nossa história. Primeira vez? Todas as dramaturgias, os pequenos textos, os programas, os projetos, as fotografias de Sueli Almeida, não são tintas sobre um papel da memória? Pela primeira vez contemplados pelo Fundo de Cultura de nossa cidade. Já vímos a cultura aqui ser moeda de troca, política de balcão, *favozin*, mas seguimos que tantas e tantas vezes assim nos apresentou. Conquistar, e sabemos que, por vezes, o passo deles anda para trás.

E tem nome esta criança aqui que você lê? Poderia ser um Panaroma, aquele “de todas as flores da fala”, um olhar de cima sobre a palavra cantonarrada e experimancipada nestes quinze anos, ou talvez uma Revista Peripatética, a experiência em jornada, a narrativa da jornada de um grupo comum enfim, e, quem sabe, Coli-doescapo, um colidir de existências, o interruptor acesso, o bujão explodindo, o calcidescopio das experiências sem linearidade alguma e cheia de encontros. No encontro, se formam as estrelas, não as de hollywood, mas as da criação artística, política e pedagógica.

Palavra, a que nos apresenta o processo - Política, o que somos e estamos no mundo - Pedagogia, como apresentamos o mundo a outros. Estas palavras foram suleadoras (evidenciar o sul da história) do convite à escrita para cada convidade a compartilhar aqui seu olhar, sua pesquisa, sua experiência com o teatro em interlocução com elas: PALAVRA, POLÍTICA, PEDAGOGIA.

As pessoas? Aquelas que, de alguma forma, escreveram na linha da memória, as narrativas desta jornada peripatética, que compartilharam da nossa criação no espaço tempo destes quinze anos, seja pela encenação, pela dramaturgia, pela provocação, pela busca pelos corpos e vozes na

cena, pelo estar em cena, seja pelo olhar atento de quem caminhou ao lado.

Fazemos aqui um ponto. Não um ponto final, nem um ponto inicial, mas se for possível, um ponto grande no meio da frase, que chama a atenção ao se ver o texto de longe, pela estranha deformidade que destoa da imagem: Jorge Pezzolo! Nosso iluminador, amigo desde sempre que a D’Alva é Estrela, conhecedor da velocidade da luz e dos carros de Fórmula 1, que escreveu, com seu olhar generoso, a dramaturgia das luzes que nos guiaram das cenas mais líricas ao épico que transborda da bebida que pisca (“Traz a bebida que pisca! Traz a bebida que pisca!”). Fora a poesia, a saudade é grande, amado Jorge. Salve, grande Jorge!

As respostas? Na junção do convite pelo conjunto “palavra, política e pedagogia” com o afeto que constitui as relações com o grupo, temos o olhar atento sobre a linha cronológica, social e política que nos constitui como criadores por parte de Marcelo Gianini e Marcio de Castro. Os textos de Paula Carrara e Lídia Moura tangenciando suas experiências e sensações individuais com as do grupo. Carina Prestupa, Ivan Ribeiro e Sueli Almeida desenham com palavras um abraço sobre os processos que viveram e viram na Cia. O quarteto À Deriva nos entrega uma sonoridade escrita em palavra trovã. Judson Cabral nos convoca à invenção de um outro mundo através do compartilhar aqui seu olhar, sua pesquisa, sua experiência com o teatro em interlocução com elas: PALAVRA, POLÍTICA, PEDAGOGIA.

As pessoas? Aquelas que, de alguma forma, escreveram na linha da memória, as narrativas desta jornada peripatética, que compartilharam da nossa criação no espaço tempo destes quinze anos, seja pela encenação, pela dramaturgia, pela

BOA

LEITURA. EVOÉ, UÊ!

BOA LEITURA. EVOÉ, UÊ!

no extenso monólogo da Molly em Ulisses: será ela irá se perder no texto? Mas não se perdia, nem uma única vez, nenhuma; e diante de cenários roubados durante a apresentação; e diante da participação de moradores de rua na parte externa de “Ulisses”, pois não sabíamos qual seria a reação deles diante de uma situação inusitada que lhes era apresentada assim, de repente!

E houveram Saraus, e eram em lugares longe, periféricos mesmo; e tinha o menino dela, desde sempre participando de tudo, aprendendo tudo desta arte de perambulando pelo mundo a encantar plateias, e que eu levava ao colo numa mão, pois a outra estava com a câmera, mas ele puxava-lhe a alça; ou cai o menino ou cai a câmera; ou então de quando ele chorou desaperado querendo o alimento que só a mãe tinha para lhe dar; chora ele, choro eu diante de um - parecia eterno - “não sei o que fazer!!!!”

E a Fotografia estava lá para tudo registrar. E isto, carregando saudades por este ser que deixou para nós este rastro lindo e iluminado por onde hoje percorremos nossos caminhos, pois ele foi Mestre na arte de “deixar ver” as coisas.

E houveramos ensaios na Oficina Mazzaropi, no Brás, com suas rodas de conversa na busca de se passar para um espetáculo de pouco mais de uma hora um livro denso, não apenas pelo conteúdo e por sua escrita engenhosa feita por James Joyce (Ulisses), como também pelo tamanho da obra (1100pgs). E, claro, conseguimos. E foi lindo. E foi novamente emocionante.

Ah... e minha respiração suspensa em cenas “difíceis” (para mim, é claro!): quando ela, minha filha, nu no palco, a derramar águas sanguíneas sobre si em Hamlet S.A.; ou quando erguida nos ares pelo Ivan: “Deve ser assim andar de avião”; quando no difícil texto com jogos de palavras de Alberto Caeiro: *“Mas se Deus é as árvores e as flores*

... E os montes e o luar e o sol, Para que lhe

chamo eu Deus? Chamo-lhe flores e árvores e montes e sol e luar; Porque, se ele se fez, para eu o ver, Sol e luar e flores e árvores e montes, Se ele me apareceu como sendo árvores e montes E luar e sol e flores, É que ele quer que eu o conheça como árvores e montes e flores e luar e sol”; ou quando

Espacialidade do Dizer: Pensamentos que dançam a experiência com a palavra de James Joyce

Acordo. O cenário é o ABC Paulista, entidade sócio-cultural-industrial-urbana. Nascer aqui te molda o ritmo dos passos, os hábitos do fim de semana, o cinema no shopping, a escola técnica, a freqüentação dos trens e metrôs em direção a São Paulo. Acordo e o fragmento é o começo de tudo: o fragmento é a máquina de produzir inícios, [Finnegans Wake] Pego o celular: a palavra é uma nervura entre o pensamento e o mundo – esse é o Merleau-Ponty dizendo. [Mundo] Hoje o trabalho começa de onde você estiver – no caminho de casa para a sala de ensaio

encontre objetos que ajudem a verticalizar a leitura: nós nos encontraremos diretamente no café e tudo o que dissermos será do texto ou dos textos reportados pelos objetos. [Verticalizar é dar espacialidade em um determinado vetor] Acho que o enunciado não era esse, mas a ideia, sinto, era mesmo essa: atravessar-se o quanto possível pela cidade e degustar café e Joyce fora da sala de ensaio. [Café] O dizer é um percurso de excitações biológicas. A forma é as palavras [Pão de Queijo] ou as palavras se dizem numa língua escrita em metabolismo. [James Joyce] Do silêncio da mesa preparada surge o primeiro fragmento – fragmento que obriga o relevante a aparecer logo, sem delongas. Um fragmento, disse o Gonçalo Tavares, não espera que outro fragmento venha logo depois dele pra dizer o que ele não pode, ou não conseguiu. Um fragmento quer ser em si, um pedaço de terreno que encerra um pensamento. Porque o pensamento define espaços é definido por espaços – se separo, afasto ou aproximo conceitos na construção de uma estrutura que gera territórios. [Qual o território da palavra no teatro?] A voz que emite o texto e corta o silêncio da nossa mesa na lanchonete às 09h:37 da manhã é resultado do engajamento da garganta, tórax, sentimentos [...] é uma voz que pressiona o ar de forma completamente diferente de todas as outras vezes, segundo Italo Calvino. A emissão da voz se dá como uma revelação que se desenvolve de dentro pra fora, empurrando o ar em círculos concêntricos em direção ao ouvido de outrem. [Café]

“O jogo entre emissão vocalica e percepção acústica envolve necessariamente os órgãos internos: implica a correspondência de cavidades carnosas que aludem ao corpo profundo, o mais próximo do corpo. A impalpabilidade das vibrações sonoras, mesmo incolores como o ar, sai de uma boca úmida e irrompe do vermelho da carne”. (CAVARERO, 2011, p. 18) [Jornal] Uma imagem estampada e uma manchete nos devolve ao bom humor. O riso é o sintoma de uma conexão inesperada entre a palavra escrita e a vida noticiada. A dureza da leitura do primeiro fragmento cede espaço à respiração livre, diafragma relaxado, mastigações espontâneas e suspiros. [Café] Suspiramos porque, na vida, constatamos que a ideia de palavra habita um imaginário mais próximo do *dicionário* do que *da boca e do ouvido* e nos reunimos naquele dia, como em muitos outros dias, durante muitas semanas, pela insistência de encontrar a palavra [Corpo Voz] como experiência física, experiência de e com o mundo. Diferentemente do registro escrito, a palavra no teatro pertence à ordem do evanescente, do evento dinâmico e, sobretudo, relacional. Para além dos conteúdos específicos que as palavras comunicam, sempre e acima de tudo o que está em jogo no dizer é experiência acústica, empírica e – como diz Adriana Cavarero – a materialidade das vozes singulares. Recuperar o caráter físico da palavra – a carnalidade de suas vogais e ditongos e a ossatura de suas consonantes como bem nos conta Mallarmé – é pra nós pressuposto na busca por restituir à linguagem sua condição relacional, pois a pulsação do vocálico é encontro antes mesmo de ser significado. [Respiro] [Pausa] [Respiro]

De fato, nos encontros que antecederam aquele [Café] encontro na mesa de um bar, nos dedicamos por um lado [Espaço], à abertura de espaço [Mundo] dos ossos e músculos do próprio [Voz Corpo] corpo no mergulho dentro do componente pulsional [Impulso] [Ritmo] e pré-semântico da esfera acústica [O campo da Voz excede o uso da Palavra]. A prática de uma vocalidade enraizada [Pensamento] no corpo traz em si uma espécie de função eversiva [Sub-versivo] em relação aos códigos disciplinadores da linguagem, desestabilizando o registro sobre o qual se edifica o sistema da palavra.

De outro lado [Espaço] nos dedicávamos à construção de uma arquitetura [Espaço] que fosse terreno [Espaço] fértil à palavra, um espaço [Espaço] de experimentação apelidado de Casa Finn [Finnegans Wake]. De fato penso que Bachelard tenha dito-escrito uma vez que as

Ouvê

Entretecemos sons e cenas ao longo de alguns tantos entre os 15 anos que percorreu a Estrela D’Alva, essa companhia de vastandarilhos do ABC.

Começou quando narratocamos juntos nosso Ulisses. Lado a lado com a Molly, calculando sapatos amarelos, perseguimos pelas ruas e bares e cemitérios e prostíbulos e salas de música um tal Leopoldo, irlandês, em um 16 de junho qualquer. Dezenas de vezes empreendemos essa jornada inoente. À Deriva sempre se expressou por colocar-se à beira do precipício, no instante mesmo em que o passo que permite continuar em jogo precisa ser inventado e concretamente posto em corpo. Optar de olhos arrebujalhados pela queda livre ou pela permanência arrepiaada no solo mais-ou-menos firme, no limite do barranco, seguindo ainda um pouco mais adiante. Quem sabe inventar uma ponte imaginária. Servir-se de uma corrente de ar ascendente, sair levando.

Primevo convite foi sob medida para nos seduzir: no Bloomsday de 2013, poderíamos intervir livremente com a nossa música e nosa presença na cena sito-específica de “Molly Bloom - Dançando Para Adiar” que se daria no Centro Cultural São Paulo. Os quatro fomos espectadores. Nos reunimos na terça-feira seguinte, assamos sortidos legumes empacotinados, compartilhamos impressões e ideias. Separamos nossos instrumentos musicais e nossos não-instrumentos musicais (papelês, plásticos, metais e madeiras para rasparrasgarretumbarriscar-

corpóreo dos corpos. A impalpabilidade das vibrações sonoras, mesmo incolores como o ar, sai de uma boca úmida e irrompe do vermelho da carne”. (CAVARERO, 2011, p. 18) [Jornal] Uma imagem estampada e uma manchete nos devolve ao bom humor. O riso é o sintoma de uma conexão inesperada entre a palavra escrita e a vida noticiada. A dureza da leitura do primeiro fragmento cede espaço à respiração livre, diafragma relaxado, mastigações espontâneas e suspiros. [Café] Suspiramos porque, na vida, constatamos que a ideia de palavra habita um imaginário mais próximo do *dicionário* do que *da boca e do ouvido* e nos reunimos naquele dia, como em muitos outros dias, durante muitas semanas, pela insistência de encontrar a palavra [Corpo Voz] como experiência física, experiência de e com o mundo. Diferentemente do registro escrito, a palavra no teatro pertence à ordem do evanescente, do evento dinâmico e, sobretudo, relacional. Para além dos conteúdos específicos que as palavras comunicam, sempre e acima de tudo o que está em jogo no dizer é experiência acústica, empírica e – como diz Adriana Cavarero – a materialidade das vozes singulares. Recuperar o caráter físico da palavra – a carnalidade de suas vogais e ditongos e a ossatura de suas consonantes como bem nos conta Mallarmé – é pra nós pressuposto na busca por restituir à linguagem sua condição relacional, pois a pulsação do vocálico é encontro antes mesmo de ser significado. [Respiro] [Pausa] [Respiro]

De fato, nos encontros que antecederam aquele [Café] encontro na mesa de um bar, nos dedicamos por um lado [Espaço], à abertura de espaço [Mundo] dos ossos e músculos do próprio [Voz Corpo] corpo no mergulho dentro do componente pulsional [Impulso] [Ritmo] e pré-semântico da esfera acústica [O campo da Voz excede o uso da Palavra]. A prática de uma vocalidade enraizada [Pensamento] no corpo traz em si uma espécie de função eversiva [Sub-versivo] em relação aos códigos disciplinadores da linguagem, desestabilizando o registro sobre o qual se edifica o sistema da palavra.

De outro lado [Espaço] nos dedicávamos à construção de uma arquitetura [Espaço] que fosse terreno [Espaço] fértil à palavra, um espaço [Espaço] de experimentação apelidado de Casa Finn [Finnegans Wake]. De fato penso que Bachelard tenha dito-escrito uma vez que as

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008

CAVARERO, Adriana. *Vozes Plurais - Filosofia da Expressão Vocal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

TAVARES, Gonçalo. *Atlas do Corpo e da Imaginação*. Alfragide: Editora Caminho, 2013

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

PAULA CARRARA

é diretora, performer e pesquisadora que explora abordagens contemporâneas de criação, com interesse particular no território da

[Voz] e da performaticidade da palavra. Foi preparadora vocal de “Ulisses Molly Bloom - Dançando para Adiar” e participou de “Experimento Finnegans”.

A batalha do ULISSES com o CROCODILO

CARINA PRESTUPA

Minhas vivência e experiência na Cia. Estrela D’Alva de 2009 a 2020 passaram por atuação, direção, preparação de elenco, amiga, irmã. São tantas histórias nos camarins, nas mesas de restaurantes de diversas cidades do país, na sala da minha casa, na sede da Cia. em Santo André, nos carros e nos teatros, que renderiam um livro. Risos, choros, emoções, pensamentos, sonhos, ilusões, frustrações, notícias alegres, conquistas, maternidade, amamentação, sim, sim, sim, nós dissemos tantos sims!

É mais do que um encontro de profissionais: é a escolha de parcerias para a vida, é dar o ombro e poder fazer três horas de ensaio, escorregar no suor do outro e terminar o ensaio com o corpo moído e com a alegria de ter avançado mais uma cena. Escrever projeto até de madrugada, alinhar vontades em prol de um coletivo.

Ser Estrela D’Alva é ser uma sociedade. É ter que reorganizar agenda, abrir espaço para o outro, ouvir o coração e a razão, limpar a sala de ensaio, lavar figurino e colocá-lo pra secar atrás da geladeira, carregar e carregar cenário após horas de viagem ou saber que roubaram uma parte do cenário em meio a uma apresentação, é parar uma apresentação por causa da chuva, é fazer uma cena no meio da rua olhando pra luar. É gritar “Mulher, tão fácil quanto parar o mar” para uma plateia e para si mesmo. É batalhar todos os dias para não ser engolido pelo crocodilo, é abrir um tesouro e descobrir que nossas escolhas, nossas estradas, nossos fracassos e aplausos são os tesouros que fazem com que sejamos cada dia mais Estrela D’Alva.

É conduzir o outro com a palma da mão, e assim se responsabilizar pelo aprendizado, pelo risco e cuidado do outro. O outro que te segue apaixonadamente e diz sim para o jogo. Prazer e responsabilidade. O exercício de teatro que transcende a sala de ensaio, afinal se relacionar é equilibrar prazer e responsabilidade o tempo todo, apoiar, cuidar.

Cuidar é a base do trabalho: cuidar do espaço cênico, da dramaturgia, da encenação, de si mesmo, do outro. Cuidar de cada gesto do personagem, de cada palavra porque assim es-

“LAMENTO DE UM BLUE”

IVAN RIBEIRO

O ano é 2020. Da minha estrela vejo o quanto de terra se pode ver do universo. Sentado aqui na minha estrela olho fixo para a tela do computador. A tela arde, meus olhos queimam. “Palavras, palavras, nada mais que palavras”. As fronteiras estão fechadas. No som, Debussy. Lá fora, um mundo impenetrável de máscaras, suores frios e morte me mantêm aprisionado. Há algo de podre neste reino.

“REGISTRO DOS FATOS ANTECEDENTES”

Sim. O ano é 2005. Daqui da minha estrela vejo cinco pares de pés que formaram outra estrela. E ela foi a primeira que apareceu no céu do entardecer. A Estrela D’Alva.

Era lá que eu fora morar naquela época. A estrela era ainda uma estrela nova, estrela nascente. Em seus jardins, os habitantes do lugar circulavam brincando com as palavras e as palavras eram boas de brincar. Naquele turbilhão de sons-letras-palavras-parágrafos, descobríamos muito a nosso respeito, aprendíamos novas maneiras de nos comunicar e passamos a criar as narrativas do lugar.

Pegamos então em nossas máquinas de escrever, em nossos corpos e em nossos sonhos e começamos a dançar. Cada um de nós deu origem a outros seres. Nos dividimos e fomos múltiplos. E povoamos a imaginação local: primeiro a nossa, depois a imaginação coletiva para, enfim, chegar às mentes dos forasteiros, dos habitantes das outras estrelas.

Éramos regidos pelo maestro. E a cada nota, a cada acorde que fazíamos soar, tornávam-se célebres as canções daquele povo. As canções animavam os banquetes e, os banquetes, a cada garrafa de vinho branco gelado, a dança continuava.

tamos cuidando também de quem nos assiste. Um gesto, um som, uma palavra pode se tornar memorável, uma cena pode afetar alguém da plateia a ponto de mudar sua concepção sobre algo, abrir caminhos. Essa possibilidade de afetar alguém merece todo cuidado por parte de nós artistas que conduzimos o olhar de nossa plateia com a palma de nossas mãos.

Esse trabalho minucioso, cuidadoso, abarca desde a escolha da alimentação, horas de sono dos atores em época de ensaios e temporadas até o planejamento dos aquecimentos, com a finalidade de disponibilizar aqueles corpos para contar uma história. Tudo isso fez parte da preparação de elenco dos três espetáculos: “A incrível batalha pelo tesouro de Laduê”, em parceria com a Cia. Lona de Retalhos, “Ulisses, dançando para adiar” e “O Crocodilo”.

Em “Ulisses” percebemos a necessidade de uma preparação corporal que aumentasse a resistência dos atores. Por conta da proposta de exploração de espaços, muitas vezes era preciso correr longas distâncias, chegar em um determinado ponto em um curto espaço de tempo. Além disto, tornava-se imprescindível um trabalho vocal diário que mantivesse fluidez na interpretação da palavra. Partituras! Muitas partituras! Cada um, Paulo e Lígia, tinham um número grande de partituras e de combinações de partituras, além de diversos estados experienciados nelas para desenvolverem a expressão e a gestualidade das personagens durante toda a peça. A proposta de ocupação de espaços mantinha vivo um estado de alerta, de improvisação. Por conta disso, antes do início do espetáculo haviam aquecimentos individuais e também aquecimentos de conexão.

Em “A incrível batalha pelo tesouro de Laduê”, o maior desafio era unir a linguagem da máscara, pesquisa da Cia. Lona de Retalhos, com o estudo da narrativa, da Cia. Estrela D’Alva. União de dois elencos, união de duas casas. Esse espetáculo nos rendeu muitas experiências, muitas histórias para contar aos amigos, filhos, alunos! Nos camarins vivemos desde as emoções de uma discussão acalorada até notícias de um nascimento na família. Partilhamos o melhor e o pior de nós, nos perdoamos e seguimos, porque encontramos artísticos também são feitos de desencontros, acertos e

escolhas. Nós fazemos escolhas e as escolhas nos fazem. Foram cinco anos de temporadas e vivencie o que, com certeza, fica em nossas lembranças com dor e alegria é a imagem de nosso parceiro Jorge. Nosso pensador, iluminador, alguns vezes a voz que conduzia as batalhas, outras vezes mestre de cerimônias ou enrolador de plateia. Nosso irmão na arte e na vida.

Em “O Crocodilo”, uma nova fase da Cia. Muitas pessoas por ela passaram e deixaram suas marcas. Um novo processo une as experiências passadas e nos coloca diante de questões essenciais no nosso caminhar: Será que vamos sobreviver ao crocodilo, com é nossa existência dentro e fora dele? A quem servimos? Qual nossa proposta como cidadãos, como fazedores de arte? Qual o papel da arte na formação de uma sociedade? Como ter uma posição e não uma imposição, encontrar espaço para o diálogo, mas não abrir mão das escolhas, do caminho, da essência. Tudo isso com leveza, encantamento. Buscamos na preparação corporal o recurso das máscaras da comédia dell’arte, não como fim, mas como meio para encontrarmos eixos diferentes, precisão e gestualidade para os personagens, com um aterrar mais bufônico.

Cada processo propõe desafios para o elenco e para todos da equipe. Assim acontece quando nos lançamos em um projeto não para executá-lo, mas para vivê-lo: as dificuldades nos alegram! Elas nos geram crescimento para podermos olhar para trás e dizer: hoje me sinto mais sábio do que ontem!

Meus agradecimentos à Cia. Estrela D’Alva que fez o convite e me acolheu em seu ambiente lar e trabalho, porque afinal somos assim, uma família. Feliz em ver a trajetória desse grupo que a cada projeto reafirma suas posições com delicadeza e está sempre em busca de aprender cada vez mais. Sempre com o cuidado de conduzir os parceiros com a palma das mãos.

CARINA PRESTUPA

é atriz, palhaça, arte educadora, contadora de histórias, diretora artística da Cia. Lona de Retalhos e Jitnera psicoanalista.

Desenvolve pesquisas na linguagem das máscaras e do palhaço há mais de vinte anos. Foi preparadora vocal de “Ulisses Molly Bloom - Dançando para adiar” e de “O Crocodilo”, além de ter compartilhado a criação e a cena em

“A Incrível Batalha pelo Tesouro de Laduê”.

Lá não existia um governo instituído . E não existia Deus. Não acreditávamos em Deus. (“Pensar em Deus é desobedecer a Deus / Porque Deus quis que o não o conhecêssemos / Por isso se nos não mostrou”). Existiam apenas as flores, as pedras, as árvores, o sol.

Havia rumores de que um inimigo externo pudesse estar se avizinhando, observando de outra constelação, mas não passavam de rumores. Nossa relação com as palavras era íntima demais, preciosa demais. Rumores não são palavras. Não têm precisão nem imprecisão. São sombras.

Nossas coisas eram como elas eram. Nossos modos eram apenas nossos modos, nada mais. Trocávamos nossas experiências com outras partes do universo. Não sei se “ensinávamos” qualquer coisa a alguém, mas gostávamos de apresentar (sobretudo aos jovens) outras maneiras de olhar, de sentir, de pensar ou de brincar.

E o tempo foi passando enquanto brincávamos como crianças.

Eis então que, embora em tempos de paz e

com o número de habitantes crescendo, a população de Estrela D’Alva sentiu a necessidade de investigar alguns acontecimentos das cercanias. Um célebre regente de outra estrela fora assassinado anos antes, em um crime nunca esclarecido.

Com aquele desconforto e ansia, com a estranheza entalada na garganta, nos banhamos em nosso próprio sangue animal de refletirmos sobre o derramamento do sangue alheio. Procuramos as respostas nas notícias, nos arquivos públicos, no corrompido comportamento humano, em espelhos e em abismos. Pedimos a bênção do Anjo da História mas ele já estava então sendo empurrado pelo forte vento que nos trouxe até aqui.

Nos despurificamos.

Com as mãos, rostos e corpos manchados, sem termos encontrado as explicações que procurávamos, voltamos novamente nossa atenção aos assuntos de ordem interna. Voltamos nossa atenção às crianças.

IVAN RIBEIRO

tem 39 anos, concluiu a Formação de Atores na Escola Livre de Teatro de Santo André (1977 em 2004 e em 2005 ingressou como ator e dramaturgo na Cia. Estrela D’Alva de Teatro”

em sua primeira formação, onde permaneceu até 2009. Atualmente é educador e performer regido do associado Brasil de 2020.

